

A ARTILHARIA NA DEFESA DE STALINGRADO

Por "Esen" — do A. Polonya. Tradução do
"The Field Artillery Journal", pelo Ten. Cel. Ar-
mando Vasconcelos.

No primeiro período da presente guerra estivemos inclinados a supor que as modernas condições de defesa não mais constituíam forma eficiente de combate. Aquela noção surgiu pelo fato de que um certo número de campanhas foram decididas a maneira "Blitz krieg" como ilustram brilhantes exemplos, em que poderosas fortificações não puderam resistir aos modernos métodos de ataque.

A batalha de Stalingrado tornou-se por isso objeto de interessantes estudos, como modelo de defesa eficiente sob as mais modernas condições, porque é um dos muito poucos casos da presente guerra (Junho de 1944) — que se revelou extremamente eficiente, constituindo proveitosa experiência. Não resta dúvida de que de ambos os lados ali, foram tomadas as mais severas medidas, ambos os partidos revelaram a máxima pertinácia e inexorabilidade, no propósito de submeter o adversário. O combate nesse setor merece a mais acurada análise para o julgamento das valiosas sugestões que proporciona às futuras operações.

Desafortunadamente, as fontes originais de informação ainda não estão utilizáveis; portanto, devemos contentar-nos no momento de possuir, em segunda mão, o material obtido pela imprensa. Os relatórios coligidos de alguns escritores militares

russos, dão apenas um panorama superficial sobre o desenvolvimento das operações em Stalingrado, mas, ainda assim, permitem estabelecer os principais princípios em que se baseia a defesa soviética. Os acontecimentos revelam que o ataque alemão contra Stalingrado foi montado como uma operação rápida em que os tanques desempenharam o papel principal, tendo a força aérea como principal fonte do fogo de apoio, ao passo que a I. e a A. eram apenas elementos auxiliares; daí a defesa geral de Stalingrado basear-se, antes de tudo, na defesa anti-tanque.

Os alemães verificaram muito rapidamente a extensão e eficiência da defesa anti-tanque russa, de tal forma que todos os seus esforços tiveram que ser concentrados para descobrir e neutralizar os elementos de defesa que obstruíam os tanques.

A técnica do ataque alemão em Stalingrado obedecia a um certo chema:

Reconhecimento — Para descobrir a localização das armas anti-tanque. Os alemães utilizaram tanques leves em ataques de diversão tendo por fim conhecer a defesa.

Preparação — Esse fogo nem sempre foi empregado. Quando o fizeram, deixavam a força aérea bombardear as posições da A. e atirar a frente dos pontos fortes da defesa inimiga.

Ataque principal — Era normalmente feito sobre uma estreita frente e partia justamente depois do fogo de preparação ou durante seu desencadeamento, com o fim de aproveitar os máximos efeitos da ação aérea. O ataque era realizado por tanques médios e pesados isolados ou apoiados pela I.. Em condições especialmente difíceis o ataque principal dos tanques foi precedido pelo ataque da I. que consistiu em ações de caráter preparatório pelo menos para liquidar as armas anti-tanques nos pontos avançados da posição inimiga, abrindo caminho para os tanques.

A defesa soviética estava adaptada para a esperada e preferida ação do inimigo, portanto, toda calcada na defesa anti-tanque. Daí a organização e conduta da defesa poder basear-se em 2 características:

- 1 — combate ativo contra as armas blindadas inimigas.
- 2 — segurança das armas anti-tanques.

De acôrdo com os relatórios soviéticos, todos concordantes, a artilharia desempenhou papel fundamental na defesa de Stalingrado, constituindo a verdadeira espinha dorsal da defesa. A experiência revela que a defesa anti-tanque, para ser eficiente e duradoura, deve possuir *profundidade*, e a organização do fogo deve ser *planificada*.

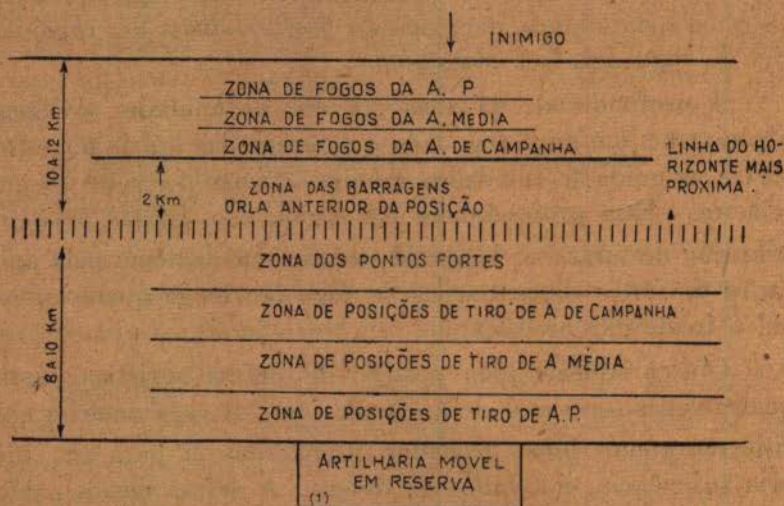
A profundidade da zona em que as unidades soviéticas organizaram um ativo fogo com o emprêgo das armas terrestres contra as unidades blindadas inimigas, atinge cerca de 20 quilômetros. Essa profundidade foi obtida não apenas pela distribuição de armas ao longo da posição mas também pela aplicação de fortes concentrações de fogo tão longe quanto possível á frente das posições.

Ordinariamente toda posição de defesa soviética possui quatro vagas sucessivas de armas de fogo. A vaga anterior consiste em pontos fortes fechados, preparados já para sua própria suficiência, e isolados da defesa. A defesa desses pontos fortes baseava-se somente na pontaria direta contra as armas localizadas. Havia canhões anti-tanques e canhões de campanha destacados.

As 3 vagas que se sucedem foram organizadas pelo fogo das posições de A. localizadas em uma profundidade de 8 quilômetros da orla anterior da posição. Essa A. normalmente toma parte no combate pelo fogo indireto, mas quando o inimigo irrompe através a vaga anterior suas posições transformam-se em novos pontos fortes, o que torna possível deter o inimigo pelo tiro direto enquanto se refaz a defesa.

Na defesa de Stalingrado utilizou-se um tipo especial de A. (1), chamado "destruidor de tanque" dispostos em locais convenientes e importantes. As tropas de "destruidores de tanques" possuem os canhões ordinários de A. da Campanha mas sem nenhum meio de comando para habitá-los a realizar o tiro indireto.

Uma das mais importantes partes da defesa Soviética era constituída das unidades moveis de A., deixadas em reserva como armas anti-tanques. O gráfico que se segue indica aproximadamente o esquema geral da organização da defesa anti-tanque utilizada em Stalingrado.



O plano de fogos a frente da posição de defesa, no limite de alcance das armas, era baseado em um certo numero de poderosas e bem ajustadas concentrações. Esta ação era destinada a retardar as forças blindadas inimigas, para infligir-lhes perdas e, eventualmente, tornar impossível um assalto organizado. A experiência ensina que as armas dispostas para atirar diretamente tinham que resignar-se a só abrir fogo no momento crítico, em que se venha pedir o tiro. Entretanto, via-se na defesa soviética, uma nítida tendência para ao emprêgo do tiro indireto na escala, a mais ampla possível.

Para o plano de fogos à frente da posição havia sido estabelecido um principio pelo qual as especies de A. abriam fogo, separadamente, a começar pelos mais recuados.

Assim, a A. pesada inicia o ataque contra o inimigo, seguida da A. Média e da de Campanha e, finalmente, são desencadeados os tiros diretos das armas da defesa.

A profundidade dos fogos de defesa, como se pode verificar, aumenta a medida que o inimigo se aproxima da posição, atingindo o máximo na disputa da orla anterior da posição de defesa.

A experiência tem demonstrado que não se poderá contar que a frente da posição de defesa possa permanecer intacta. Por isso, as armas conservadas em reserva constituem um excelente recurso a ser utilizado no local mais ameaçado. A invasão dos tanques verifica-se sempre em momento muito critico para os defensores, pelo que a intenção do alto comando russo era, antes de tudo, tornar impossivel ao inimigo iniciar o movimento. Daí, quando os tanques alemães irrompem na posição, os defensores não contra atacam geralmente, mas trazem, de ordinário, sua reserva em recursos anti-tanques para a brecha com a tarefa de deter o adversário e restabelecer a normalidade da posição neste novo ponto. Os contraataques a base de tanques só foram feitos em ultimo recurso.

Si os tanques tomam posição, a reserva da A. Movel deve sempre provar-lhes o apôio de fogos quando partirem ao contra ataque, pelo que a eficiência da reserva da A. depende mais da qualidade do que da quantidade. A reserva seria relativamente pequena, mas deve possuir altas qualidades combativas, um perfeito equipamento técnico, como também extrema mobilidade.

Durante a batalha o comando soviético foi compelido algumas vezes a reagrupar sua A. para enfrentar as mudanças de situação. A experiência ganha na batalha mostra que todas as unidades de A., principalmente as que foram empenhadas

na ação, deveriam ser encaradas como uma reserva de armas anti-tanques, possuidoras da tática necessária e de uma eficiência técnica.

A eficacia do tiro direto tornava-se incontestavelmente mais elevada do que a do tiro indireto, motivo por que as unidades de A. de campanha localizadas na retaguarda imediata dos pontos fortes foram empregadas como reserva local de recursos anti-tanques para substituir as armas de tiro direto que já tenham sido perdidas.

Na organização da sua defesa, o Cmt. da defesa soviética tomou particular consideração pela centralização da A. da mesma forma que a cuidadosa preparação dos planos de fogos, tendo em vista assegurar ao máximo a flexibilidade na aplicação e controle do tiro. Neste sentido, foram habéis os russos, competindo com as vantagens adquiridas pelo inimigo que, tendo a iniciativa, podia escolher o mais favorável local de ataque. O comando soviético dotou esta solução, a despeito de sua convicção sobre o superior mérito do tiro direto. A superioridade do fogo era contrabalançada pela quantidade de munições consumida. A organização da A. sobre o principio da centralização, proporcionou muito valiosas vantagens sobre a possibilidade de concentrarem em massa o fogo em qualquer ponto, de acôrdo com as exigências da batalha.

Um outor beneficio dêste sistema está no fato de que as armas que participam das concentrações de fogo, estando completamente dispersas, ficam mais seguras contra possíveis destruições, especialmente pelo ar. Alem disso, a A. sendo empregada em ação indireta nunca era completamente aproveitada pelo combatente e desse modo, quando necessário, poderia ser retirada e transferida para o ponto mais avançado no momento. Uma outra ampliação de defesa soviética recaia nas armas anti-aéreas que foram sempre preparadas contra qualquer ameaça ao terreno.

Em geral, as experiências soviéticas foram colhidas na batalha de Stalingrado segundo a formula "a *eficacia da mo-*

derna defesa anti-tanque é função da perícia em manobrar a A. e aplicar seus fogos”.

Este “record” de meios que foram postos em prática na defesa de Stalingrado, revela a essência do plano de manobra de alto comando soviético. Tudo isto foi empregado para constituir um sistema conveniente de luta ativa contra os meios blindados inimigos. Unidades complementares foram adotadas segurança das armas anti-tanques. O comando soviético estimou que o maior perigo é a ameaça dos tanques inimigos, portanto em sua organização previa alguns meios tendentes a impedir a sua utilização, ou pelo menos, tornar impossível qualquer surpresa. O inimigo tomou particular interesse pelas armas localizadas na orla anterior da posição de defesa dispostas para o tiro direto. Esta espécie de A. era realmente a mais temida. Para preservar estas importantes armas, o comando soviético proibiu o engajamento contra tanques leves inimigos quando aparecerem na zona fronteira da defesa. Aos fuzis anti-tanques e a A. de posições mascaradas é que competia atirar contra os tanques nesta fase da batalha. (Preliminar). Ao mesmo tempo, a A. localizada no interior da posição de defesa tinha que organizar uma rede de observação para proteger suas posições de tiro contra a surpresa dos tanques inimigos que as penetrassem. As fontes soviéticas de informações, no interior das linhas, procurando verificar longinquamente a aproximação, integravam-se pelas próprias guardas da A. durante a batalha de Stalingrado.

Sendo a defesa soviética baseada principalmente no sistema anti-tanque, fazia-se necessário reforça-la adicionalmente por Inf. e metralhadoras, tendo em vista proteger as armas anti-tanques contra os ataques de infiltração da I. inimiga. A prática provou que das várias unidades anti-tanques adotadas, inclusive a A., posições de tiro no interior da defesa, tinham sido escudadas por I. munida de metralhadoras.

Os canhões “Thommy” provaram ser os de melhor aplicação ali. Em consequência, um sistema de defesa a base de I.

tinha que ser imposto no sistema básico, isto é, a defesa anti-tanque. A experiência revelou que a força aérea era o principal meio de apoio de fogo que os alemães empregavam. Eis portanto, a razão por que o comando soviético atribuía particular consideração à defesa anti-aérea.

A principal fisionomia da defesa anti-aérea do lado soviético era a defesa passiva. Cuidadoso disfarce, desenfiamiento e entrincheiramento de armas, deram na prática resultados plenamente satisfatórios.

Os autores soviéticos chegaram a conclusão de que o apoio básico de fogo proporcionado pela força aérea era substancialmente falho nas ações realizadas pelo alto comando germânico.

“Alguns povos têm exagerada confiança nos efeitos destruidores do fogo aéreo. Ele pode constituir apenas uma ameaça desde que lançado de surpresa. Sem embargo, quando se está suficientemente preparado para enfrentar o inimigo no ar, êle não poderá vencer e a A. assumirá as rédeas da batalha”.

As fontes soviéticas citam alguns fatos para confirmar esta tése.

Os comandos, alemão e soviético, aparecem como autores de diferentes modos de ver a questão do emprêgo do apoio aos tanques. O principio soviético consiste em que “os tanques não se devem engajar contra a A. adversa sem que tenham assegurado o apoio de sua própria A. e da força aérea”.

“A ação eficaz contra as armas deve ser assegurada somente pelo fogo de sus próprias baterias. Por isso não é razoavel que a força aérea seja empregada com esta tarefa. Ao contrário, deve-se sempre procurar reforçar o fogo de A. com o bombardeio aéreo”.

Para a estimativa do valor dos vários meios de apoio de fogo nas modernas condições, o Soviét preparado cuidadosamente para um duelo de A. com o adversário em linha, poude garantir-se contra a ação destruidora do inimigo que na opinião dos russos, constituia perigo real para os defensores.

Os relatórios russos levando em conta as experiências obtidas com os sucessos da defesa de Stalingrado prescrevem as seguintes conclusões gerais:

- 1 — A A. e não a força aérea, constitue a principal fonte do fogo de apôio no combate entre dois modernos adversários mais ou menos equivalentes em força;
- 2 — Nenhum sistema de defesa deve ser chamado moderno desde que não esteja primeiramente habilitado a resistir aos elementos blindados;
- 3 — Os defensores deverão sempre procurar estabilizar a luta quando atacados por adversários blindados; antes de tudo, para destruir os adversários "panzers" fogo bem ajustado da defesa; depois, deve seguir-se o momento conveniente para empregar os tanques; o contrataque de tanque contra tanque seria cuidadosamente evitado salvo como ultimo recurso.
- 4 — A essencia da defesa moderna anti-tanque é baseada na organização e potência do fogo de A.; as metralhadoras devem frequentemente desempenhar um papel de auxiliar como segurança das armas anti-tanques contra eventuais ameaças da I. inimiga.
- 5 — A potência de fogo assegurada constitue a real base da defesa anti-tanque e ela é representada pela A.
- 6 — A eficácia da defesa anti-tanque depende em extensão e densidade da sua preparação.
- 7 — A profundidade da área dos fogos ativos contra as forças blindadas inimigas pode ser obtida não só através a localização das armas dispostas em profundidade, mas também, mediante a aplicação de fogos organizados na frente da posição.
- 8 — O tiro indireto da A., para ser eficiente, precisa ser produzido em massa.

- 9 — O controle da A. empregada na defesa, deve ser flexível pelo que deve basear-se nos princípios da máxima centralização.
- 10 — A existência de uma reserva de armas de fogo é muito importante para a defesa.
- 11 — Se, em momentos críticos, os defensores são incapazes de se oporem aos tanques inimigos mediante uma concentração organizada de tiros de A., devem puxar suas próprias armas (canhões) para a primeira linha com a missão de deter o adversário pelo tiro direto que, muitas vezes, é a única colução correta e eficaz.
- 12 — A habilidade na plicação do fogo de A. e na manobra dos canhões é uma prova de vitalidade e durabilidade da moderna defesa.

Nota do Tradutor — O artigo que acabamos de transcrever contem preceitos muito úteis e de uma objetiva aplicação na guerra moderna com fôros dogmáticos, porque tiveram a sanção dos campos de batalha da memoravel e heroica resistência de Stalingrado, o marco inicial da derrocada alemã no continente europeu.

Parece-nos muito oportuna divulga-lo na integra porque, não só contem o merito da realidade dos fatos da guerra, como porque veio trazer luz aos preceitos regulamentares que adotamos, esclarecendo certas disposições que pareceriam, na sua apressada interpretação, inoperantes ou revolucionários dos principios gerais consagrados na luta contra carros.

Fica assim compreendido o *porque* de se prescrever que “na defensiva a A. constitui o arcaboço da organização de uma posição”. (R. G. U.).

A defesa contra carros então é que vai comandar a organização que se completa e harmoniza com todo o cortejo de medidas e atos próprios da situação, desde que o adversário que se enfrenta tenha grandes possibilidades em carros.

“A defensiva então é” e continuará sendo “o fogo que detem” e se pode completar dizendo “e que destrói”.

Por conseguinte nada de novo.

A novidade, *por uma idéa preconcebida*, estava no fato de que os alemães procuravam o apoio de fogos para os blindados a base de aviação, talvez impressionados pelos seus efeitos iniciais de surpresa, esquecendo-se que a arma dos “fogos potentes, largos e profundos” ocupa papel proeminente também na defensiva. Contra os elementos de I. adversos o “fogo que detem” ainda pertence a I. que se completa com o da A.. A aviação, utilíssima pelo seu raio de ação e potência, é também o *elemento complementar* do fogo de defesa que se organiza ainda em sistema. A luta contra carros é comandada pelo fogo da defesa especializada e o contra-ataque, a forma normal de reação quando o inimigo é dominado.

Eis os verdadeiros principios permanentes, comprovados nos campos de batalha com a sanção dos acontecimentos, e que devem ser tomados no seu verdadeiro papel de orientadores dos processos que, estes sim, se amoldam as possibilidades dos meios e se adaptam às circunstâncias para produzirem os efeitos desejados.

Portanto, a eficiência das ações na batalha, antiga ou moderna, repousa essencialmente na harmonia, coesão e solidariedade das missões de combate dos elementos que se acionam. Esses elementos de luta, ontem, hoje como amanhã, existem em sistema o seu valor combativo depende da ação combinada das armas para o cumprimento da missão comum.

Essa combinação está intrinsecamente ligada e dependente do melhor aproveitamento das características de potencia, mobilidade e raio de ação dos meios utilizáveis sem nenhum preconceito de predomínio de uns sobre outros. A Infantaria ainda é a arma principal a cuja tarefa auxiliam as demais em proporção variável com as circunstancias para produzir a potencia de fogo necessária a dissociação do sistema adversário — de defesa ou de ataque — sem o que não poderá ser vencido.